

PERSISTÊNCIA DO DUCTO ARTERIOSO E ENDOCARDITE EM UM FELINO

¹Bruna Souza Gomes da Silva; ²Vinicius Dayoub; ³Amanda Sarita; ⁴Caio Nogueira Duarte; ⁵Vinicius Henrique Lacerda de Andrade; ⁶Denise Saretta Schwartz

¹ *Médica Veterinária aprimorando nível III do setor de Cardiologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo*

² *Médico veterinário cardiologista do Serviço de Cardiologia do Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo*

³ *Médica Veterinária Autônoma com ênfase em Cardiologia Veterinária*

⁴ *Médico Veterinário da equipe Pet Cor e Coordenador do curso de pós graduação em Cardiologia Veterinária da FAMESP*

⁵ *Médico Veterinário residente nível II do setor de Clínica Médica de Pequenos Animais da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo*

⁶ *Docente do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, Serviço de Cardiologia do Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo*

Palavras chave: cardiopatia congênita, shunt esquerda-direita, valvopatia, insuficiência cardíaca

A persistência do ducto arterioso (PDA) é uma anomalia vascular congênita de rara incidência nos felinos. A endocardite por sua vez, é rara e desafiadora, e apresenta alta taxa de mortalidade. Objetivou-se relatar um caso de endocardite e PDA em um animal da espécie felina, fêmea, sem raça definida, 3,2 Kg, trazida por apresentar frêmito em tórax desde filhote, havendo intensificação nos últimos dias, hiporexia, prostração, cansaço excessivo e urina com coloração alaranjada. Ao exame físico a mesma estava prostrada, mucosas hipocoradas tendendo a ictericas, desidratação discreta, ritmo cardíaco regular, sopro contínuo em base cardíaca e sistólico em foco mitral. Foi evidenciado anemia (hematócrito 15%) e aumento de bilirrubina indireta. No ecocardiograma, corte apical quatro e cinco câmaras, observou-se formação vegetativa acometendo o folheto septal da valva mitral e valva aórtica condizente com endocardite, além de importante remodelamento do lado esquerdo. A função sistólica estava preservada. Ao corte transversal, na altura da artéria pulmonar, foi observado um fluxo turbulento da esquerda para a direita, na região do óstio da ampola ductal. Apesar do tratamento indicado para a correção do PDA ser cirúrgico, a paciente estava clinicamente instável e optou-se pelo tratamento conservativo inicial com pimobendan (0,25mg/kg/8h), clopidogrel (18,75mg/24h), furosemida (1mg/kg/24h), e doxiciclina (5 mg/kg/12 horas) aventando-se a hipótese de *Mycoplasma haemofelis* devido à icterícia e anemia e porque não foi possível realizar hemocultura. Após três hospitalizações, e devido à piora e prognóstico ruim, a tutora optou pela eutanásia. À necropsia, confirmou-se PDA, e nodulações verrucosas no aparato valvar mitral compatível com endocardite valvular fibrinossupurativa. A causa da endocardite não foi determinada, mas a existência de defeito congênito pode ser predisponente e apesar de ser rara a prevalência de PDA em felino, aventa-se a hipótese de ser subdiagnosticada na espécie.

Referências Bibliográficas

Boon, J. A. Veterinary echocardiography. Second edition. Willey-Blackwell, 2011.

Hutton, J. E.; Steffey, M. A. Surgical and nonsurgical management of patent ductus arteriosus in cats: 28 cases (1991-2012). JAVMA, 2015. Vol 247, No. 3

Larsson, M. H. M. A. Tratado de cardiologia de cães e gatos. Primeira edição. Interbook, 2020.

Palerme, J. S.; Jones, A. E. Infective endocarditis in 13 cats. Journal of Veterinary Cardiology, 2016. 1760-2734. doi:10.1016/j.jvc.2016.04.003



Figura 1. Corte Apical quatro câmaras, janela paraesternal esquerda, felino, fêmea, SRD, 18 meses, demonstrando valva mitral e formação vegetativa aderida a cúspide septal, remodelamento atrial e ventricular esquerdo importante.

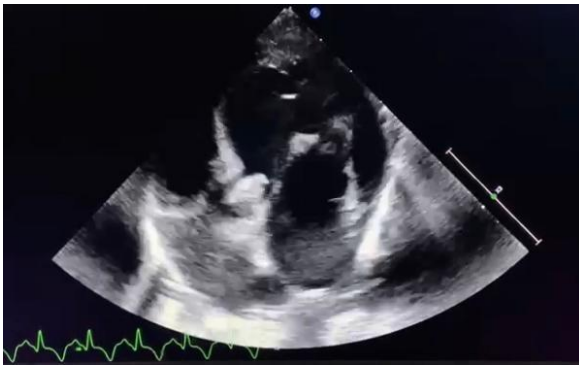


Figura 2. Apical 5 câmaras, janela paraesternal esquerda, felino, fêmea, 18 meses, demonstrando valva aórtica com formação vegetativa.

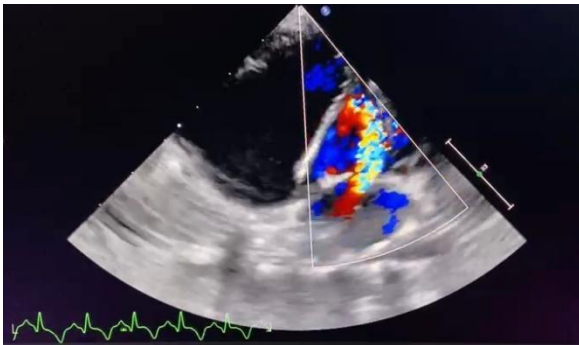


Figura 3. Fluxo turbulento na região do óstio da ampola ductal, corte paraesternal cranial esquerdo na altura da artéria pulmonar, felino, fêmea, 18 meses.

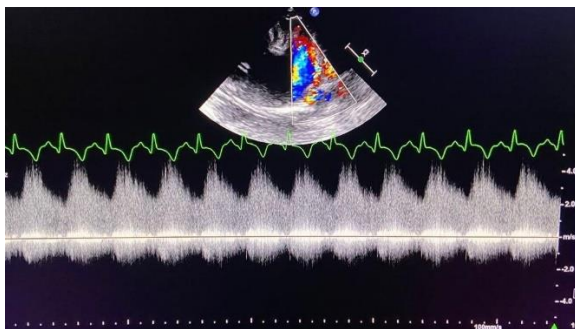


Figura 4. Gráfico do fluxo da persistência do ducto arterioso obtido pela janela paraesternal cranial esquerda na altura da artéria pulmonar, felino, fêmea, 18 meses, tipo não restritivo com razão sistólica e diastólica aproximada >2 .

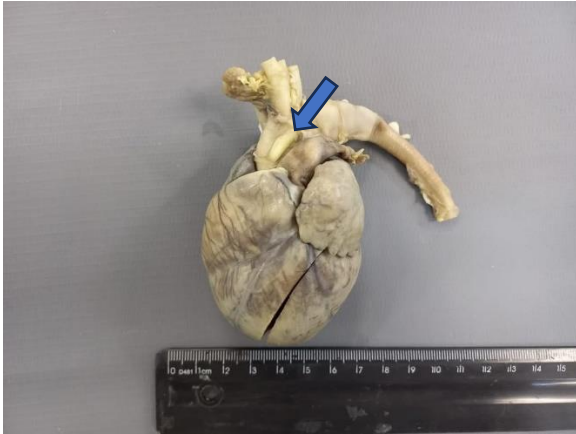


Figura 5. Imagem anatômica (necrópsia) felino, fêmea, SRD, 18 meses evidenciando comunicação interligando aorta e pulmonar compatível com persistência do ducto arterioso (seta azul).



Figura 6. Imagem necrscópica, felino, fêmea, 18 meses, evidenciando estrutura vegetativa aderida ao aparato valvar mitral.